

Classe média não para de crescer

(Augusto Leite)

Mais de 50% das famílias brasileiras possuem renda entre R\$ 1,1 mil e R\$ 4,6 mil, segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Apesar da visível disparidade salarial, estes grupos fazem parte do mesmo segmento: a classe C, ou, classe média - ainda de acordo com a classificação da FGV. Impulsionada pela estabilidade do real desde a década passada e pelo aumento na oferta de crédito, a categoria não para de crescer. A Região Metropolitana do Recife (RMR) foi a que teve maior salto entre nove territórios pesquisados pelo IBGE. A classe C representa 44% da população do Grande Recife. No entanto, a categoria já tem um aumento de despesa no dia 1º de janeiro com as empregadas domésticas. O salário mínimo sobe para R\$ 510.

O acréscimo registrado pela classe na RMR foi de 12 pontos percentuais entre 2004 e 2007. Enquanto isso, capitais fortes tiveram pequeno aumento. Porto Alegre registrou 0,20% e São Paulo 1,11%. “A economia brasileira tem possibilitado condições importantes em termos de renda, emprego e consumo. Essa classe média era um pessoal que estava à margem do mercado consumidor e que, nos últimos seis anos, passou a ter acesso a bens e serviços”, explicou o professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e consultor da Datamétrica, Carlos Magno Lopes.

E o aumento na renda foi, de fato, extravagante. Para se ter uma ideia, se observado um terço das famílias mais pobres em 1995, cerca de 41,8% tinham televisão em cores, 10,5% possuíam celular e 56,5% haviam comprado geladeira. Já em 2007, esses percentuais atingiram 72%, 10,5% e 72%, respectivamente. “As vendas nos hipermercados aumentaram muito durante a crise, isso se deu em função do tipo de consumo da classe D. Por outro lado, se você for olhar o consumo de linha branca, eletrodomésticos e automóveis, a dominante é a classe C”.

Formada em Turismo, Makele Nunes, 27 anos, precisa se locomover quase que diariamente para visitar agências. Como prova de que a classe tem crescido nos últimos anos, ela conseguiu trocar o veículo em 2009, fruto de organização orçamentária, “embora seja muito consumista”. “Eu já estava com um carro há mais de quatro anos e preciso dele para trabalhar. Tive um ano muito proveitoso porque consegui alcançar meus objetivos dentro desse planejamento. Acho que a aquisição de bens depende do controle de cada um”.

Apesar da movimentação crescente nos hipermercados durante o período de crise, de acordo com a consultoria Data Popular, 75% dessas pessoas preferem comprar alimentos fora de hipermercados, pois 61% andam a pé para evitar gastos com transporte.